

Bom dia  
para nascer  
Otto Lara Resende

CRÔNICAS PUBLICADAS NA *FOLHA DE S. PAULO*  
Seleção e posfácio Humberto Werneck

**Copyright © 2011 by herdeiros de Otto Lara Resende**

Copyright do posfácio © 2011 Humberto Werneck

Todos os direitos reservados

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

### Capa e projeto gráfico

Mariana Lara

### Foto da quarta capa

Autor desconhecido/ Coleção Otto Lara Resende/

Acervo Instituto Moreira Salles, Rio de Janeiro, 1992

### Preparação

Jacob Lebensztayn

### Revisão

Huendel Viana

Luciane Helena Gomide

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Resende, Otto Lara, 1922-1992

Bom dia para nascer : crônicas publicadas na *Folha de S.Paulo* /  
Otto Lara Resende; seleção e posfácio Humberto Werneck — São Paulo :  
Companhia das Letras, 2011.

ISBN 978-85-359-1994-3

1. Crônicas brasileiras 2. Resende, Otto Lara, 1922-1992 3. Folha  
de S.Paulo I. Werneck, Humberto. II. Título.

11-12254

CDD-869.93

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Crônicas jornalísticas : Literatura brasileira

869.93

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

**EDITORA SCHWARCZ LTDA.**

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

CEP 04532-002 • São Paulo • SP

Tel 11.3707-3500 • Fax 11.3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

# sumário

## ESSE CÓDIGO SERENO [p. 13]

Bom dia para nascer [14] O outro foi melhor [15] O que diz o vento [17] Bola murcha [18] Almoço em família [20] Tempo de esquecer [21] O calo da velhice [22] A velhice do bebê [24] Iniciação à mouquice [25] Calma, isso passa [27] Este seu olhar [28] Fazer e lazer [30] Acordo e concordância [31] As vivas folhas mortas [33] Sermãozinho de Cinzas [34] Pega ou não pega [36] As bodas e o bode [37] Intimidades públicas [39] Bicicletai, menina-da! [40] Humor, amor [42] Humor, mau humor [43] A graça de esquecer [45] Esse código sereno [46] Torto e engraçado [48] Linha cruzada [49] O olho e o seu rabo [51] A rua, a fila, o acaso [52] Gostinho do risco [54] Cota zero [55] Cota zero [57] Peritos e falsários [58] O enigma do Collor [60] Convém tirar a limpo [61] Timbrada, mas falsa [63] De boca em boca [64] Nossa rica virtude [65] Isonomia por baixo [67] A flor no asfalto [68] Outra fachada [70] Leitura da barba [71] Saudade imperial [73] Réquiem para dois rapazes [74] Asmáticos e asmólogos [76] Sufoco hipersensível [77] Os poetas se retiram [79] Festa, com brisa [80] Entreato chuvoso [81] Turista, mas secreto [83] Carioca da gema [85] Mas dá pra curtir [86] Verão, capital Rio [87] Chuva, chave, pastel [89] Mistério em Copacabana [90] Mudamos e não mudamos [92] Manjedoura carioca [93] O primeiro tiro [95] Os bons espíritos [96] Simples quebra-galho [98] Vamos pela ordem [99] Galho de peripécias [101] O amorável pequinês [102] Bons companheiros [104] Morrer de mentirinha [105] A morte e a morte do poeta [107]

## A CHAVE DO MISTÉRIO [p. 109]

A chave do mistério [110] De ouro, de chumbo [111] O que diz o mar [112] Degredo moderno [114] Os casais hoje e ontem [115] Na penumbra, a luz [117] Apenas um casal [118] A moda de casar [120] Vista cansada [121] Cinto, vara, açoite [123] Nênia para uma menina [124] Está tudo gravado [126] Nossa alada segurança [127] Anjo: precisa-se [129] Quem chora o quê [130] O futuro pelas costas [132] Sombras de agosto [133] Agosto recomposto [135] Abusão e palpite [136] Quem é o doido [138] Siga a seta

[139] O teste da rosa [141] Solução onírica [142] Nova, com licença [144] Aventura na serra [145] Uma pesquisa científica [146] Jogando sério [148] Cristina, cadê você? [149] Olá, iniludível [151]

## EPIDEMIA POLISSILÁBICA [p. 153]

Colisão poética [154] A Taís de ontem e de hoje [155] Privilégio de carteirinha [157] Onomatomania, talvez [158] Silvas, os ilustríssimos [160] Ilhas ou avenidas [161] Catacisco e Ciscorina [163] Criança e Colombo [164] Dever de casa [166] A princesa e o padeiro [167] A graça de Aninha [169] Nome de pia e outros [170] Asioc ed odiod [172] Hora do anagrama [173] Epidemia polissilábica [175] A gracinha dos graffitti [176] Problemão sem solução [178] O palavrão do general [179] A universal banana [181] Facada e tiro [182] Uma letra e suas voltas [183] Boatólogos e boateiros [185] Arcaísmo e esparadrapo [186] Boca, nariz e tabu [188] Palavras que ofendem [189] Questão de traje [191] Palavras inventadas [192] Doidos são os outros [194] Nós, os poluidores [195] Antiguidade, só nova [197] A mulher do sapateiro [198] Homero e eu [200] Escanção e luas [201] Belo nome de sábio [203] Uma letra maldita [204] O susto de volta [206]

## AMIGOS ESCRITOS [p. 209]

Chegamos juntos ao mundo [210] O jovem poeta setentão [211] Conte tudo, Jorge [213] Nelson: hoje, ontem [214] A república e o golfo [215] Coitada da onça [217] Começo de uma fortuna [218] Claricevidência [220] Astúcia, sorte e blefe [221] Seus amigos e seus bichos [223] Rapazes ontem e hoje [224] Eu sou mais o Rodrigo [226] O amigo perfeito [227] Confidência e indiscrição [229] Cartear é bem melhor [230] Amigos escritos [232] Cartinha de amor brasílico [233] Perigo do símbolo [235] Mozart está tristíssimo [236] Um escritor, uma paixão [238] Não traíam o Machado [239] Inocente ou culpada [241] Capitu e o meu ônfalo [242] Se mais houvesse [244] A defunta, como vai? [245] Azuis, verdes, castanhos [247] O poeta e os seus

olhos [248] Sina de poeta [250] Há dez, vinte anos [251] Quanto vale o poeta [253] Este ambiente hoje [254] Deixem o tigre em paz [256] O pastel e a crise [257] Um ano de ausência [259] Sangue de jabuticaba [260] A força do contraste [262] Lição de liberdade [263] A mestra e o menino [265] De barro ou de ouro [266] Uma estação catalã [268] Cordiais, mas cruéis [269] Versão e intuição [271] Tudo é e não é verdade [272] Brasileiro? Só com fiador [274] Como seria, se não fosse [275] Dona Chiquinha [277] O galo, o João e o Manuel [278] Galo, pomba e poetas [279] Poeta do encontro [281] Fim da alucinação [282] Eu sou o vagabundo [284] Os dez mais lá e cá [285] A maldição da poesia [287] Adolescência revisitada [288] Arte de inquietar [290] Quem vê cara [291] A farsa do sequestro [293] Graça e desgraça [294] O arroz da raposa [296]

## A INVENCÍVEL UTOPIA [p. 299]

O jeitão dele [300] Um certo jeito de ser [301] Brasileiro: o que é [302] Sonetos e jabuticabas [304] O poeta e o marechal [305] Também já estive lá [307] A morte da pena [308] Outro dia, há trinta anos [310] Ao cair da tarde [311] Nuvem de perplexidade [313] Jânio [314] Uma voz, um testemunho [316] Fascinante torvelinho [317] O começo da novidade [319] San(to) ou demônio [320] Isto cansa, mas assusta [322] A impossível tradução [323] A restrição mental [325] O direito no sufoco [326] O cortejo e a mentira [328] Direto à fonte [329] Direito ao tédio [331] O escambo de volta [332] Papéis trocados [333] Esse Brasil? Sumiu! [335] Mas é coisa nossa [336] Caminho de volta [338] Suspense carioca [339] Ontem, hoje, amanhã [341] A caixa-preta [342] O show piorou [344] A chapa e a operação [345] Símbolo augusto de quê? [347] Falam as cores [348] O melhor é ser mineiro [350] Às vezes, pega [351] O mestre do inglês [353] Adeus a um companheiro [354] Convém não esquecer [356] Filha, mas personagem [357] Fantasia de onipotência [359] Quem ri primeiro [360] Nós, mentirosos [362] Saudades de Sodoma [363] Uma época, um herói [365] A sua vida continua [366] Ao parto, minha gente [368] A invencível utopia [369] Homem bom de verear [370] A bruxa do poeta [372] Águia na cabeça [373]

## santa jumentalidade [p. 377]

A vaca de Ipanema [378] Olhe debaixo da cama [379] Brasileiros de prestígio [380] Preguiça e inteligência [382] Rosa, tatu e urubu [383] Onça, tatu, Light não [385] O tatu brasileiro [386] Desamarraram o bode [388] Bodes e botas [389] Nosso irmão caluniado [391] Santa jumentalidade [392] Asno, cão e burrice [394] O sal da autoridade [395] Bem-vindo ao nosso calor [396] Bom para o sorveteiro [398] A solidão proibida [399] Garças e ministros [401] Volte, Zano [402] Fuga do borralho [404] A chave do sonho [405] Lágrimas e risos [407] O passarinho do diabo [408] Rãs, fuinhas e morcegos [410] Ronco perfumado [411] Defesa do elefante [413] Atração e repulsa [414] Viagem etimológica [416]

## POSFÁCIO

OTTO CRONISTA: HUMOR E COMPAIXÃO, Humberto Werneck [419]

CRÉDITOS DAS IMAGENS [431]

ESSE CÓDIGO SERENO

Eu não tinha a intenção de dizer logo assim de saída. Mas já que a *Folha* me entregou, confesso que sou mesmo antigo. Modelo 1922. Ano do Centenário da Independência, da Semana de Arte Moderna, do Tenentismo, da fundação do Partido Comunista, da inauguração do rádio etc. Suspeito que só eu e o rádio estamos funcionando neste mundo povoado de jovens. Mas juventude tem cura. Eu também já fui jovem. É só esperar.

Bem mais antiga é a origem do Dia do Trabalho. Começou em 1886, com a greve de Chicago. A polícia, claro, compareceu. Resultado: onze mortos — quatro operários e sete policiais. Primeiro e último escorreu a favor do trabalho. Três anos depois, em 1889, lembrando Chicago, os socialistas em Paris inventaram o Dia do Trabalho.

A data chegou depressa ao Brasil, mais subversiva do que festiva: em 1893. A recente República baixou o pau. Vem de longe o axioma: a questão social é uma questão de polícia. Só em 1938 surgiu aqui, oficial, o Dia do Trabalho. Também dia do pelego e do culto à personalidade do ditador. Em 1949, finalmente, a data virou lei. Lei e feriado.

Mês de Maria, mês das noivas, mês de flor-de-maio, maio sugere pureza e céu azul. “Só para meu amor é sempre maio” — cantou o primeiro poeta, o Camões. Um dos últimos, Drummond, escreveu uma “Carta aos nascidos em maio”. Viu neles uma predestinação lírica, a que chamou “o princípio de maio”.

Em maio, e no dia 1º, nasceram José de Alencar (1829) e Afonso Arinos (1868). Dois escritores, dois verdes. O indianista e o sertanista. Ambos enfática e ecologicamente brasileiros. Não



será mera coincidência a data da certidão de nascimento do Brasil. A carta de Pero Vaz de Caminha é de 1º de maio de 1500. Como o Brasil também é Touro, está difícil de pegá-lo à unha. Mais poeta que escrivão, Caminha foi o primeiro ufanista. Também pudera: em 1500 tudo ainda estava por ser destruído.

Só depois chegaram a inflação, a corrupção e a dívida externa. Há dez anos, em 1981, para celebrar o Dia do Trabalho, houve a explosão do Riocentro. Planejada em segredo, ao contrário da implosão de ontem em São Paulo, vem agora a furo a farsa do inquérito militar. Dá até vergonha de ser brasileiro. Maio, porém, está aí. 1º de maio: bom dia para começar. Ou recomeçar.

.....

## O outro foi melhor

11/07/1991

Hoje é dia de eclipse. Como a natureza é pontual, o espetáculo tem hora para começar e acabar. Não quero contar vantagem, mas tenho alguma experiência no ramo. Acompanhei como repórter o eclipse de 7 de maio de 1947. Sem falsa modéstia, posso dizer que cobri o eclipse. E não foi um eclipsezinho qualquer, não. Foi um senhor eclipse, muito mais falado e comentado do que o de hoje.

A guerra tinha acabado havia dois anos e estava no ar uma porção de teorias novas e inovadoras que era preciso tirar a limpo. Nada como o escurinho do eclipse para raiar a luz da verdade científica. Se dependesse do Departamento de Estado ou do FMI, o eclipse, esse de 1947, seria visível só em Washington. Mas o Tru-

man, que era o presidente americano, teve de se curvar diante do Brasil. Do Brasil, não; diante de Minas Gerais.

Ou melhor, e talvez seja o caso de dizer ou pior: diante de Bocaiúva. Pois era lá em Bocaiúva que se podia ver o eclipse com o maior conforto. Deve ter sido coisa do Alkmin, que era de Bocaiúva e fazia tudo para prestigiar a sua obscura cidade. Ora, nada como um eclipse para trazê-la à luz do sol. O Henfil era menino e morava lá. Anos depois escreveu sobre o acontecimento que marcou a sua infância. Um monte de cientistas se juntou em Bocaiúva para espiar o eclipse e conferir com o que dizia o Einstein.

Tinha cientista de todo lado, da União Soviética e dos Estados Unidos. Os russos eram barbudos e calados. Impunham respeito como sabichões. Entre os repórteres, estava o José Guilherme Mendes, que fala russo. Mas o eclipse vinha classificado como *top secret*. Todo mundo na moita. Estava também o Paulo Mendes Campos, para vocês verem como esse eclipse era importante. De volta ao Rio, escrevi que o eclipse tinha me parecido um elefante de circo. Triste como um paquiderme obrigado a fazer gracinha. A metáfora era ousada, mas agradou.

O povo de Bocaiúva ficou apavorado. Desde a Antiguidade que eclipse assusta muito e é tido como sinal de mau agouro. Por via das dúvidas, convém bater na madeira. E vejam só: voltamos num avião militar americano, que sofreu um acidente. Vítima, meu retrato saiu nos jornais. Disseram que sofri perda de substância. De fato quebrei a cabeça, mas nunca soube que substância é essa. Sinto, porém, que me faz muita falta.

.....

Para o Brasil chegar afinal ao Primeiro Mundo só falta vulcão. Uns abalozinhos já têm havido por aí, e cada vez mais frequentes. Agora passa por Itu esse vendaval, com tantas vítimas e tantos prejuízos a lastimar. Alguns jornais não tiveram dúvida: ciclone. Ou tornado, quem sabe. Deve ser coisa do *el niño*, um fenômeno que vem pelo mar lá do Pacífico, bate nos Andes, provoca o degelo e uma sequela de cataclismos que passam pelo Brasil.

Não sei o que é pior, se furacão ou vulcão. Pior mesmo, porque conheço, é tremor de terra. Estava em Lisboa com o Vinicius de Moraes quando aconteceu o terremoto de 1968. Palavra que achei que era contra mim pessoalmente. Veio até com dois *tt*. Assim: *terremOtto*. Quando estive no Japão com o Cláudio Mello e Souza fomos perseguidos por um tufão. Mas japonês dá jeito em tudo. O voo atrasou e voltamos a Tóquio numa boa.

Shelley que me desculpe, mas vento me dá nos nervos. Desarruma a gente por dentro. Mas, em matéria de vento, poeta tem imunidades. Manuel Bandeira associou à canção do vento a canção da sua vida. O vento varria as luzes, as músicas, os aromas. E a sua vida ficava cada vez mais cheia de aromas, de estrelas, de cânticos. O contrário do ventinho ladrão. Sabe como é que se chama vento? Com três assobios. Ou soprando num búzio. Também funciona se você invocar são Lourenço, que é o dono do vento.

Fúria dos elementos, símbolo da instabilidade, o vento é ao mesmo tempo sopro de vida. Uma aragem acompanha sempre os anjos. E foi o vento que fez descer sobre os apóstolos as línguas de fogo do Espírito Santo. Destruidor e salvador, com o vento renasce a vida, diz a “Ode to the West Wind”, de Shelley. No inverno só um

poeta romântico entrevê o início da primavera. Divindade para os gregos, o vento inquieta porque sacode a apatia e a estagnação.

Com esse poder de levar embora, suponhamos que uma lufada varresse o Brasil, como na canção do Manuel Bandeira. Que é que esse vento benfazejo devia levar embora? Todo mundo sabe o mundo de males que nos oprime nesta hora. Deviam ser varridos para sempre. Se vento leva e traz, se vento é mudança, não custa acreditar que, passada a tempestade, vem a bonança. E com ela, o sopro renovador — garante o poeta. A casa destelhada, a destruição já começou. Vem aí a reconstrução.

.....

## Bola murcha

18/07/1991

Em matéria de futebol, costume dizer que sou Botafogo desativado. Suspeito que estou assim antes de se desativar o próprio Botafogo. Aliás, hoje ninguém me pergunta qual é o meu time. Me perguntam qual o meu signo. Touro. Sou de Touro e logo sabem que sou. Nos dias que correm, e agora correm que nem o Senna, brasileiro acredita mais em horóscopo do que em carteira de identidade.

Quando o Maurinho Branco assaltou minha casa e não roubou muito, mas roubou tudo, esquecemos de lhe perguntar qual era o seu signo. Se ele fosse de Touro, ia começar um diálogo assim: “Ô meu irmão, desculpe, também sou Touro”. E daí acabávamos descobrindo que temos um mesmo ascendente (astrológico, claro), ele tomava um cafezinho e se despedia como um cavalheiro. Iria assaltar alguém de Áries.

O Nelson Rodrigues, que sabia, mas não enxergava quem era a bola, dependurou as chuteiras no céu. As chuteiras já não são imortais. O João Saldanha foi cobrir a Copa na Itália e de lá tomou rumo ignorado. Gosta muito de viagem e de aventura, o João. Nem sequer almoçou comigo no Final do Leblon, como tinha prometido. O Sandro Moreyra entrou vivo num hospital e saiu morto. Estou sempre me perguntando por que diabo chamam hospital de *casa de saúde*. Há anos que o Armando Nogueira parou de escrever “Na grande área”. A coluna do Cláudio Mello e Souza sumiu.

Aí é que desanimei de vez. O meu futebol era muito mais lido do que assistido. Em 1958 eu morava em Bruxelas e vi o delírio que o Brasil despertava. Pelé e Garrincha eram a dupla de mais cartaz no mundo. Nem os Beatles, que eram quatro e tiveram o cuidado de aparecer depois, lhes chegavam aos pés. No polo Norte, em 1965, vendo o sol da meia-noite, um esquimó me pulou no pescoço na maior alegria e agitação.

Só depois vim a saber a razão. Porque eu era brasileiro. “Pelé! Pelé!” — gritava ele, eufórico. O esquimó fedia um pouco a peixe, mas tudo bem. Dava gosto ser brasileiro. O futebol unia todo mundo num só grito. Rico e pobre, branco e negro, analfabeto e intelectual. Até o Kissinger gostava. Agora, escreve o Villas-Bôas Corrêa: “Para mim, chega”. Despediu-se do futebol. Um alucinado que não perdia jogo. Com o Brasil ruim de bola como anda, precisamos providenciar uma alma nova para este paísão perdido no meio do campo.

.....